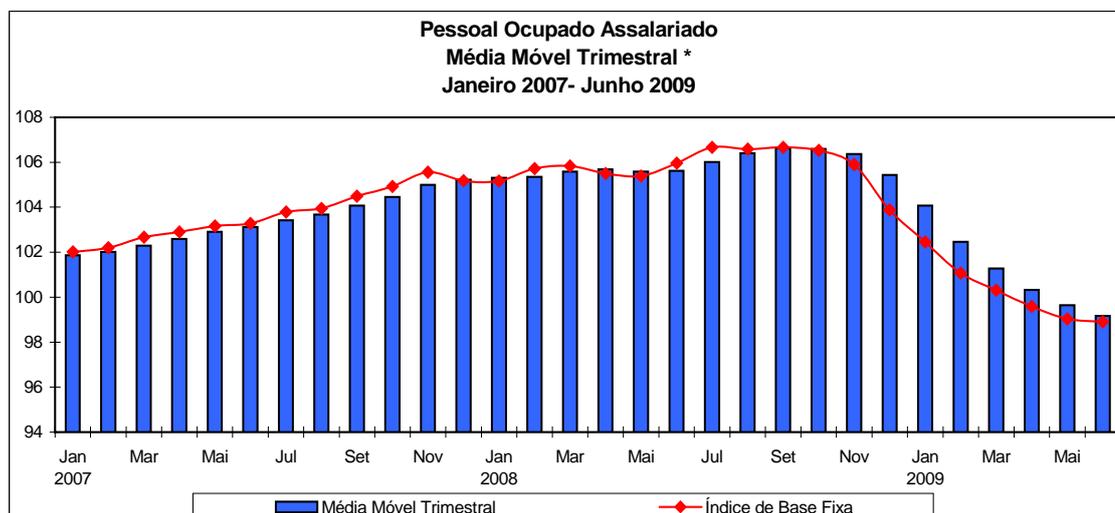


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em junho de 2009, o emprego na indústria praticamente repetiu o patamar do mês anterior, com variação de -0,1% em relação a maio, descontadas as influências sazonais. Esse foi o menor recuo registrado em oito meses. O índice de média móvel trimestral, com redução de 0,5% em junho, permanece em trajetória decrescente, porém com menor ritmo de queda desde fevereiro último (-1,5%). Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o emprego no segundo trimestre de 2009 recuou 2,1% frente ao primeiro, após assinalar taxa de -3,9% no trimestre anterior.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

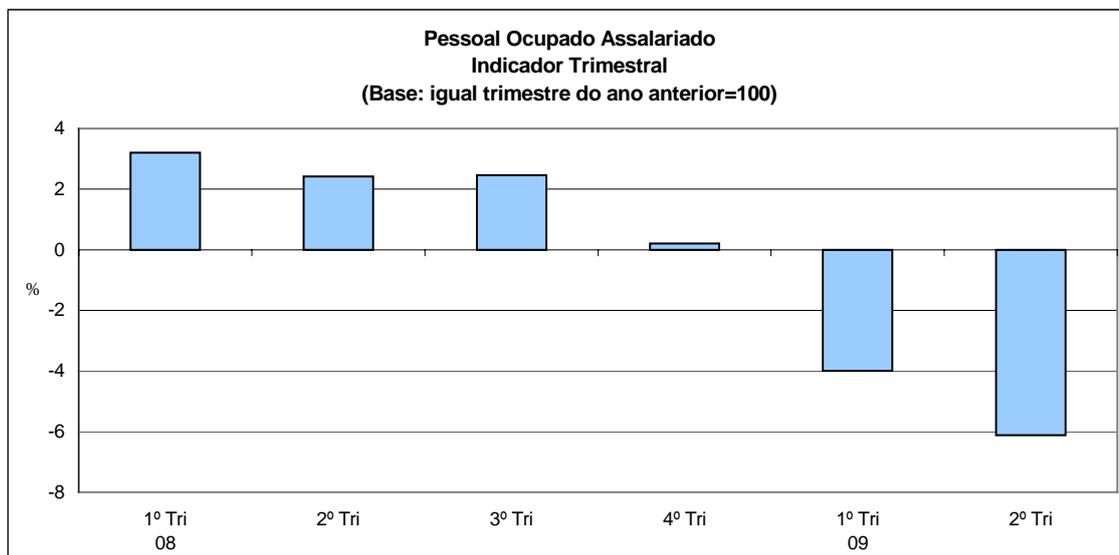
Frente a iguais período de 2008, quando a trajetória do emprego era crescente, os resultados permaneceram negativos: queda de 6,6% na comparação com junho, recuo de 6,1% no confronto com o segundo trimestre e perda de 5,1% no fechamento do primeiro semestre do ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses permanece em trajetória descendente desde agosto do ano passado (3,0%), atingindo -1,9% em junho.

No indicador mensal, o contingente de trabalhadores foi 6,6% menor que o de junho de 2008, redução que atingiu os quatorze locais e dezesseis dos dezoito ramos pesquisados. São Paulo (-4,6%), Minas Gerais (-11,0%),

que representam cerca de 47% do pessoal ocupado na indústria, região Norte e Centro-Oeste (-10,6%) e Rio Grande do Sul (-8,9%) exerceram as pressões negativas mais significativas. Nesses locais, os segmentos que mais contribuíram para o recuo do emprego foram, respectivamente: meios de transporte (-13,3%) e produtos de metal (-13,3%) na indústria paulista; vestuário (-26,5%) e têxtil (-23,6%) na mineira; madeira (-31,7%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-23,1%) no Norte e Centro-Oeste; e calçados e artigos de couro (-17,0%) e máquinas e equipamentos (-11,2%) na indústria gaúcha.

Em termos setoriais, no total do país, os principais destaques negativos foram meios de transporte (-11,6%), máquinas e equipamentos (-10,6%), produtos de metal (-11,2%) e calçados e artigos de couro (-11,7%). Por outro lado, papel e gráfica (8,7%) e fumo (0,7%) foram os impactos positivos na formação da taxa global.

Na análise trimestral, o emprego industrial vem em trajetória descendente desde 2008, acentuando o ritmo de desaceleração na passagem do primeiro (-4,0%) para o segundo (-6,1%) trimestres deste ano, ambas as comparações contra igual período do ano anterior. Esse movimento foi observado em treze locais e quinze ramos. No corte setorial, as perdas mais significativas vieram de meios de transporte, que passou de -4,9% em janeiro-março para -10,1% em abril-junho; máquinas e equipamentos (de -4,4% para -9,3%); produtos de metal (de -5,6% para -10,9%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (de -4,4% para -9,3%) acompanhando a redução da produção observada nestes setores. Por local, as maiores perdas vieram de Minas Gerais (de -4,5% para -8,9%), Espírito Santo (de -1,6% para -5,3%) e Rio Grande do Sul (de -5,1% para -8,4%).

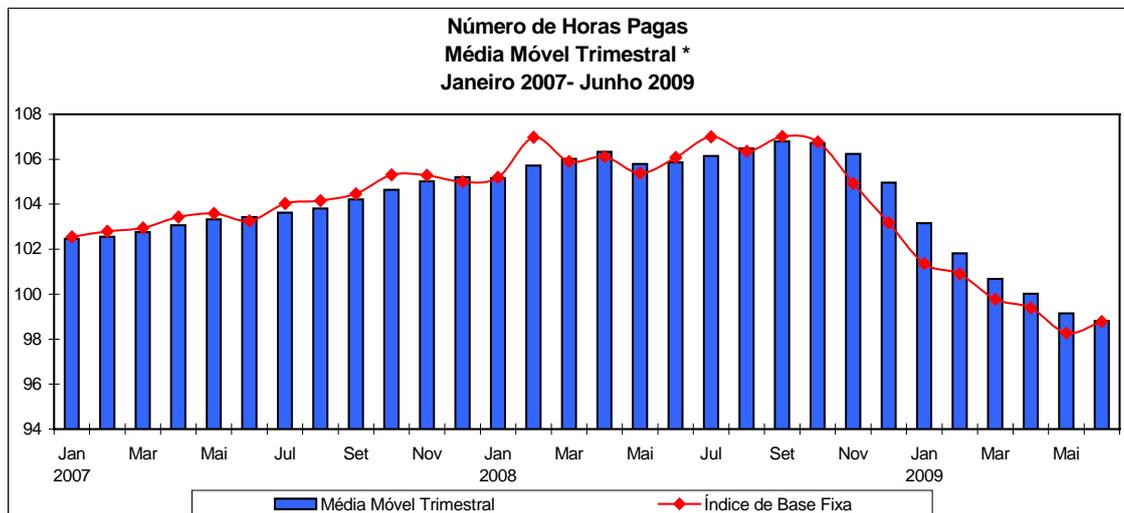


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O índice acumulado no primeiro semestre do ano recuou 5,1%, com queda nos quatorze locais, influenciado principalmente pela redução no emprego em São Paulo (-3,9%), Minas Gerais (-6,7%), região Norte e Centro-Oeste (-8,3%) e Rio Grande do Sul (-6,8%). Por setor, quinze mostraram resultados negativos, com vestuário (-9,1%), meios de transporte (-7,6%), calçados e artigos de couro (-10,6%) e produtos de metal (-8,3%) exercendo os principais impactos na taxa geral. Em sentido contrário, papel e gráfica (6,7%), minerais não metálicos (0,6%) e refino de petróleo e produção de álcool (1,6%) foram as contribuições positivas mais relevantes.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

O número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, em junho, aumentou 0,5% em relação a maio, na série livre dos efeitos sazonais, interrompendo sequência de oito resultados negativos, período em que acumulou perda de 8,2%. Com isso, o indicador de média móvel trimestral atenuou o ritmo de queda, ao passar de -0,9% em maio para -0,3% em junho. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o número de horas pagas recuou 1,9% no segundo trimestre de 2009, reduzindo o ritmo de queda frente ao resultado do primeiro (-4,1%).



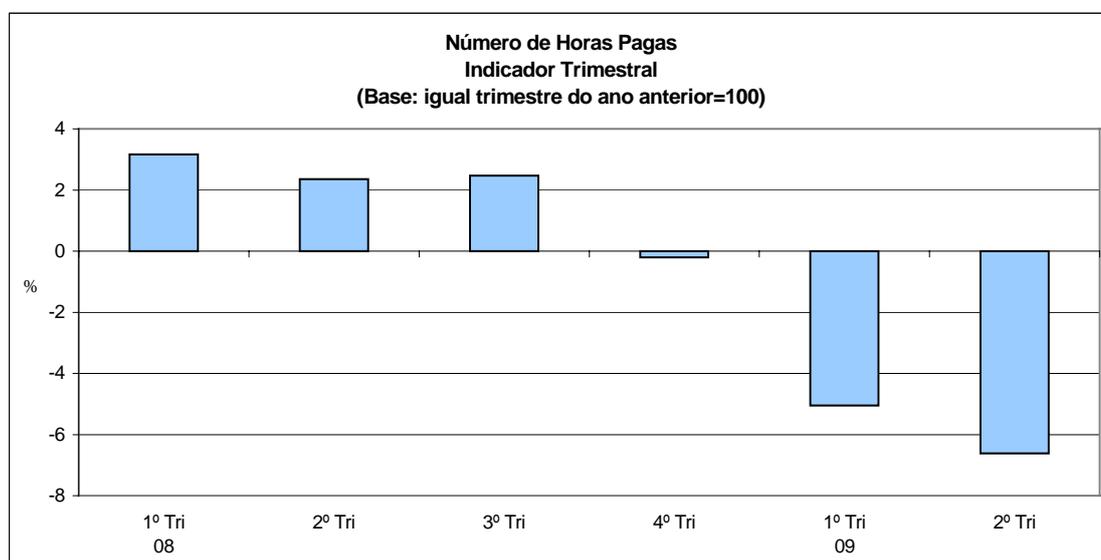
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

No confronto com junho de 2008, o número de horas pagas registrou queda de 6,9%, oitava taxa negativa consecutiva. No corte trimestral, o segundo trimestre de 2009 recuou 6,6% frente a igual período do ano passado. No indicador acumulado no ano, a redução foi de 5,8%. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, continua em trajetória descendente, atingindo -2,3% até junho.

A redução de 6,9% no número de horas pagas, segundo o indicador mensal, foi acompanhada por treze dos quatorze locais e dezesseis dos dezoito ramos pesquisados, que apontaram taxas negativas. Os locais que exerceram as pressões negativas mais importantes no resultado geral foram São Paulo (-4,7%), Minas Gerais (-10,5%), região Norte e Centro-Oeste (-11,7%) e Rio Grande do Sul (-10,8%). Em São Paulo, treze segmentos reduziram o número de horas pagas, com destaque para meios de transporte (-14,6%) e máquinas e equipamentos (-12,9%). Na indústria mineira sobressaíram as reduções observadas em vestuário (-24,9%) e metalurgia básica (-16,9%). No Norte e Centro-Oeste, os destaques negativos foram madeira (-34,4%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-25,9%) e no Rio Grande do Sul, calçados e artigos de couro (-17,4%) e máquinas e equipamentos (-16,5%). Em sentido contrário, somente o Ceará (0,6%) exerceu pressão positiva.

Ainda na comparação com junho de 2008, em termos setoriais, os principais impactos negativos no total do país vieram de meios de transporte (-13,8%), máquinas e equipamentos (-13,0%), produtos de metal (-10,8%) e borracha e plástico (-12,8%). Em sentido contrário, papel e gráfica (8,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (1,2%) foram as contribuições positivas.

Em bases trimestrais, o número de horas pagas acentuou a queda entre o primeiro (-5,1%) e o segundo (-6,6%) trimestres de 2009, ambas as comparações contra igual trimestre do ano anterior. A diminuição no número de horas pagas na passagem do período janeiro-março para abril-junho foi acompanhada por treze setores e doze locais. Entre as atividades, as maiores perdas vieram de máquinas e equipamentos, que passou de -7,1% para -11,9%; produtos de metal (de -5,7% para -11,1%) e meios de transporte (de -8,2% para -12,4%), enquanto que, entre os locais, Rio Grande do Sul (de -6,6% para -10,6%) e Minas Gerais (de -4,9% para -8,5%) foram os que mais desaceleraram entre os dois períodos.

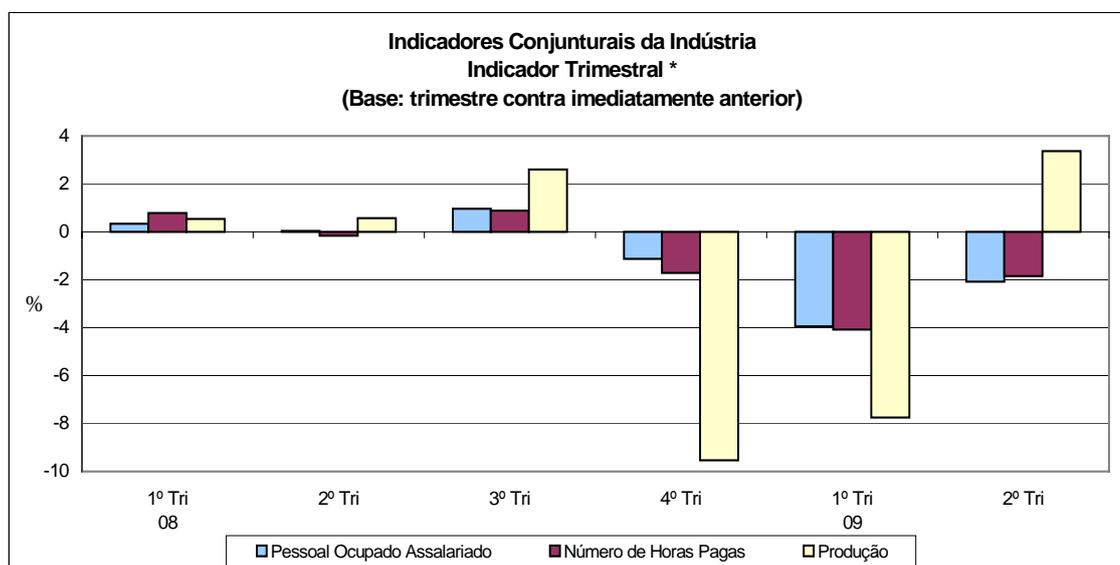


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O indicador acumulado no primeiro semestre de 2009 recuou 5,8%, com perfil generalizado de queda que atingiu todos os locais e quinze ramos. Os impactos negativos mais importantes vieram de São Paulo (-4,6%), região Norte e Centro-Oeste (-9,5%), Minas Gerais (-6,7%) e Rio Grande do Sul

(-8,7%). No corte setorial, as principais reduções do número de horas pagas ocorreram em meios de transporte (-10,3%), máquinas e equipamentos (-9,5%), vestuário (-9,2%) e calçados e artigos de couro (-10,5%). Por outro lado, as contribuições positivas, entre os segmentos, vieram de papel e gráfica (6,3%), refino de petróleo e produção de álcool (4,1%) e minerais não metálicos (1,1%).

Em síntese, nos primeiros seis meses de 2009 os índices do emprego industrial e do número de horas pagas mostram resultados negativos frente a base de comparação ascendente no mesmo período de 2008. Esse desempenho ficou evidente no indicador trimestral, que acentuou a queda na passagem do primeiro (-4,0%) para o segundo trimestre deste ano (-6,1%). Na série com ajuste sazonal, as taxas também são negativas, porém com redução no ritmo de queda ao longo de 2009, como se observa na comparação do segundo trimestre deste ano (-2,1%) frente ao primeiro (-3,9%), influenciado pelo maior ritmo da atividade fabril neste período.



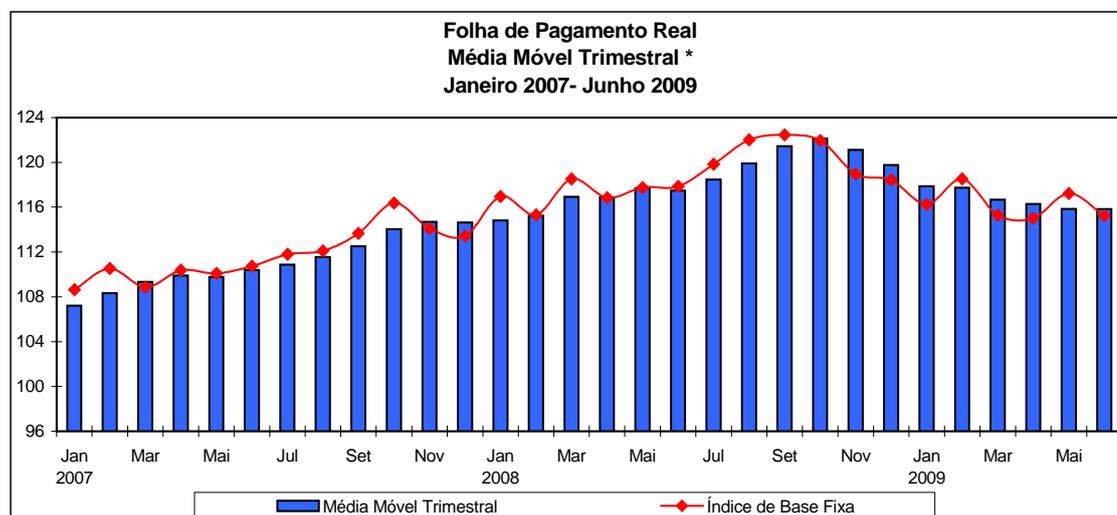
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

* Série com ajuste sazonal

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em junho, o valor da folha de pagamento real da indústria, descontados os efeitos sazonais, recuou 1,7% em relação a maio, após aumento de 1,9%. O índice de média móvel trimestral ficou estável entre maio e junho (0,0%), após sete trimestres seguidos de queda, período que

acumulou perda de 5,1%. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o valor da folha de pagamento real recuou 0,7% no segundo trimestre de 2009, terceiro resultado negativo consecutivo, acumulando perda de 4,6%.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

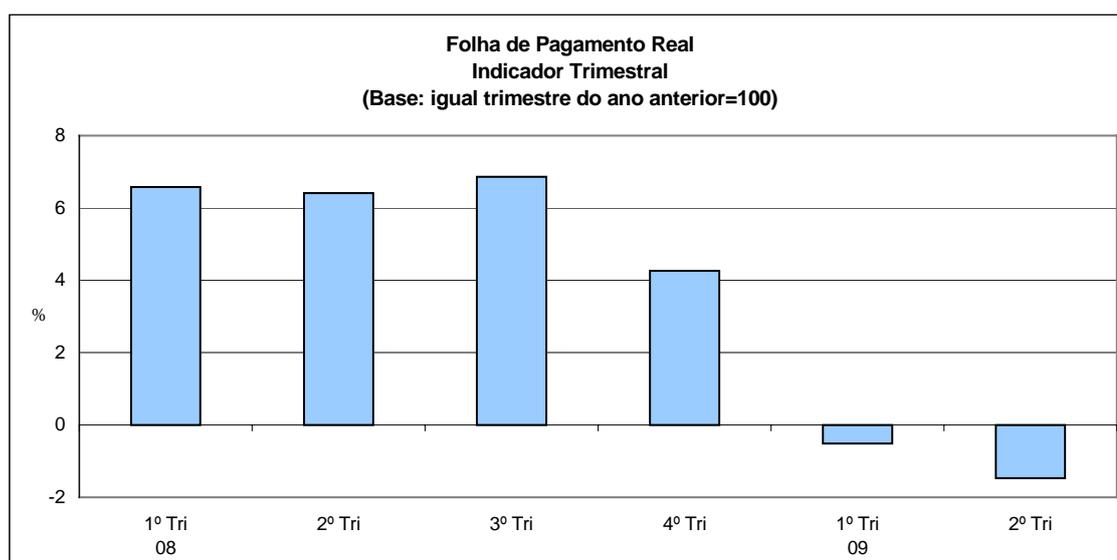
Nos confrontos com iguais períodos do ano anterior, os resultados foram negativos: -2,0% frente a junho de 2008 e -1,0% no acumulado no ano. No índice trimestral, o segundo trimestre de 2009 ficou 1,5% abaixo do mesmo período de 2008. O indicador acumulado nos últimos doze meses avançou 2,3% em junho, mas com redução do ritmo de crescimento desde setembro do ano passado (6,7%).

Na comparação com junho de 2008, a folha de pagamento do setor industrial caiu 2,0%, com reduções em dez dos quatorze locais pesquisados. As principais contribuições negativas vieram de Minas Gerais (-7,3%), Rio Grande do Sul (-6,3%) e região Norte e Centro-Oeste (-6,9%). No estado mineiro, os principais impactos negativos vieram de metalurgia básica (-14,6%), produtos de metal (-17,4%) e meios de transporte (-8,6%). No Rio Grande do Sul, os recuos mais relevantes na formação da taxa global vieram de calçados e artigos de couro (-12,6%), máquinas e equipamentos (-11,7%) e meios de transporte (-15,7%); e na região Norte e Centro-Oeste, de madeira (-32,0%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações

(-16,6%). Em sentido contrário, Rio de Janeiro (1,5%) foi o maior impacto positivo, por conta, sobretudo da indústria extrativa (12,7%).

Ainda no mesmo confronto, no total do país, a folha de pagamento real diminuiu em doze dos dezoito segmentos pesquisados, destacando-se as pressões negativas de meios de transporte (-6,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,8%) e produtos químicos (-5,9%). Por outro lado, os aumentos mais expressivos vieram de papel e gráfica (18,5%) e indústria extrativa (7,2%).

Em bases trimestrais, a folha de pagamento real, que aponta trajetória descendente desde o terceiro trimestre de 2008, mostrou recuo pelo segundo trimestre consecutivo, ao passar de -0,5% no primeiro trimestre de 2009 para -1,5% no segundo, ambas as comparações contra igual período do ano anterior. Entre os dois períodos, onze atividades e onze locais contribuíram para este movimento, com as maiores perdas vindo de máquinas e equipamentos, que passou de -1,1% para -6,5%, meios de transporte (de -2,8% para -6,2%) e produtos de metal (de 3,3% para -3,9%). Entre os locais, Minas Gerais (de 1,6% para -6,9%) e região Norte e Centro-Oeste (de 0,3% para -6,5%) mostraram as maiores reduções de ritmo.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

No acumulado do primeiro semestre do ano, o valor real da folha de pagamento teve decréscimo de 1,0%, com treze segmentos apontando redução.

Meios de transporte (-4,5%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,1%) exerceram as principais pressões negativas. Em contraposição, os dois principais impactos positivos vieram das indústrias extrativa (22,3%) e de papel e gráfica (12,3%). Por local, São Paulo (-1,7%) e Rio Grande do Sul (-5,3%) foram as áreas que exibiram os principais recuos, enquanto que Rio de Janeiro (5,7%) e a região Nordeste (2,1%) figuraram com as influências positivas mais relevantes.